

## PRÁTICAS DE LEITURA E DE LITERATURA: POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO

Alex Batista LINS (Universidade Federal da Bahia)

**RESUMO:** Reflexões sobre a necessidade de se proceder a um ensino de leitura e de literatura livre e criativo, com base no desenvolvimento de metodologias alternativas que atendam às reais necessidades dos alunos do Ensino Médio e aos anseios dos professores que atuam nesse contexto escolar. Parte-se de um panorama do estágio atual das pesquisas sobre ensino de leitura e de literatura no Brasil, levando-se em conta os aspectos teóricos, didáticos e metodológicos modernos dos quais se valem os professores e educadores conscientes do papel da escola na formação de indivíduos leitores hábeis, críticos e participativos na sociedade. Atenta-se para a questão do letramento literário, para a importância da experiência estética, da fruição no desenvolvimento de leitores literários reflexivos e dos esforços no sentido de dotar os educandos da capacidade de se apropriar da literatura.

**Palavras-chaves:** Leitura. Literatura. Ensino Médio.

### 1 Uma visita à questão

No mundo de hoje, com os avanços das pesquisas na área da linguagem e da tecnologia voltadas direta ou indiretamente para as concepções de ensino, as práticas de leitura e de literatura, em todos os níveis do setor educacional, têm exigido posturas cada vez mais dotadas de criatividade, de imaginação, de inventividade por parte dos professores e de todos aqueles que veem em tais práticas, um caminho eficaz para tentar retirar o indivíduo da cela da passividade em que a sociedade dominadora tenta encarcerá-lo, fazendo dele um ser crítico, reflexivo e consciente de seu papel de partícipe na construção de sua própria autonomia, na sua formação de cidadão-leitor-construtor do mundo. Tal temática tem sido amplamente debatida no universo social produtor das concepções pedagógicas, metodológicas e didáticas, enfim, no cenário acadêmico e educacional, de modo que muitas vezes tem sido tomada como repetitiva ou, redundante em argumentação e nas considerações a que chega e às quais convida a serem tomadas como ponto de partida para a execução de práticas inovadoras e eficientes.

É consenso nesse campo de que sem uma articulação entre ensino e pesquisa, e sem a formação de bons profissionais, educadores e professores, comprometidos com aspectos teóricos e metodológicos do trabalho com a língua, com a linguagem, com a leitura, com a escrita em suas manifestações, as aulas de português e de literatura tenderão a uma robusta e tediosa mecanização. Ora, bons profissionais exigem formação de qualidade nos cursos de graduação, referenciados por atividades que priorizem a produção e a socialização do conhecimento, mas ao mesmo tempo, capazes de, com inteireza e jogo participativo, numa postura discursivo-sociointeracionista, desenvolver práticas de ensino voltadas à valorização e ao aproveitamento dos saberes portados pelo próprio alunado.

Diante desse quadro, faz-se necessária a pergunta: como andam as práticas de ensino de leitura e de literatura no Ensino Médio? Como se delineiam tais práticas e quais os caminhos a serem trilhados para que os professores alcancem resultados satisfatórios de aprendizagem por parte de seus alunos?

O presente trabalho dedica-se a refletir rapidamente sobre essas questões, ao tempo em que busca enfatizar a necessidade de se proceder a um ensino de leitura e de literatura livre e criativo, com base no desenvolvimento de metodologias alternativas que atendam às reais

necessidades dos alunos do Ensino Médio e aos anseios dos professores que atuam nesse contexto escolar. O panorama atual das pesquisas nesse terreno é levado em conta, bem como os aspectos teóricos, didáticos e metodológicos modernos dos quais se valem os professores e educadores conscientes da importância da escola na formação de indivíduos leitores hábeis, críticos e participativos na sociedade.

Procura-se investir no enfoque: (a) dos contributos dos PCN de Língua Portuguesa do Ensino Médio, quanto à incorporação no estudo da linguagem dos conteúdos de literatura; (b) das diretrizes formuladas pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, com vistas às discussões sobre a leitura e os conhecimentos de literatura; e (c) das políticas públicas de incentivo à formação de leitores literários desenvolvidas pelo Governo da Bahia e dispostas pelo MEC. Atenta-se para a questão do letramento literário, para a importância da experiência estética, da fruição no desenvolvimento de leitores literários reflexivos e dos esforços no sentido de dotar os educandos da capacidade de se apropriar da literatura.

Por fim, questões outras como as associações ideológicas e históricas que ainda permeiam as práticas de formação de leitores na escola, o professor: um mediador na seleção de textos e a proposição de algumas possibilidades de abordagem da leitura e da literatura, nesse palco, são dispostas à guisa de considerações finais. Algo que não pretende ser tomado como conclusivo, mas aberto, livre e instigador, aliás, como bem devem caminhar as práticas de ensino coetâneas.

## **2 Reflexões sobre a questão**

Com base em dados publicados pelo MEC e nas investigações de caráter técnico-científico, tem se percebido atualmente, que o alunado que chega às séries iniciais do Ensino Médio da rede escolar pública do país, não têm apresentado bom desempenho. Em geral, adentram as salas de aula sem as noções mínimas do funcionamento da língua e das manifestações artísticas e literárias, apresentam elevado grau de dificuldades em leitura, escrita e interpretação de textos. Por outro lado, e mais grave, talvez, seja o fato de as aulas de língua portuguesa não estarem colaborando para reverter, sanar ou amenizar tal situação. Essas aulas têm voltado atenção maior à gramática e à produção de textos, na maioria das vezes, descontextualizados, ministrados sem o devido planejamento, sem objetivos claros por parte do professor, que assim finda por relegar a leitura e a Literatura a segundo plano, ao plano do pretexto para ocupar as aulas com exercícios metalingüísticos enfadonhos ou, simplesmente, de abordagem do plano conceitual, com vistas ao cumprimento de atribuições avaliativas.

Isso confirma a sinalização de Antunes (2003), que há exatos sete anos, já denunciava o fato de que em muitas das escolas brasileiras, o trabalho com a leitura era insuficiente, centrado somente em habilidades mecânicas, de mera decodificação ou de exploração superficial do texto, sem atentar para a tessitura de reflexões pertinentes em sala de aula. Se no Ensino Fundamental, cabe ao professor a responsabilidade de realização da leitura e da escolha dos livros destinados aos discentes, livros da chamada literatura infantojuvenil, tarefa que, em verdade, não consegue executar com qualidade, como fica então o Ensino Médio? Como proceder na escolha de livros para o alunado desse nível e como desenvolver melhor as práticas de leitura junto a esse público? Vale lembrar que, quanto aos livros recomendados pelo MEC, muitas vezes as escolas não têm acesso ou eles não são atraentes aos estudantes, futuros leitores.

O despreparo da maioria dos professores no que tange ao ensino de leitura e de textos literários tem sido cada vez mais evidente. Isso justificaria o fato dos alunos não conseguirem ser tocados/despertados/fisgados para o prazer de apreciar uma boa obra literária. Para Zilberman (2005, p. 258), no entanto, a realidade é que existe um número alarmantemente grande de professores “divididos entre as licenciaturas que cursavam durante os anos como estudantes de graduação e uma gama de lançamentos que o mercado editorial despeja nas livrarias todos os anos e cujas possibilidades de análise simplesmente desconhecem”.

Para que então, serviria a literatura no currículo do Ensino Médio, já que seu estudo, não tem sido satisfatório ou não incide sobre os postulados do mundo coetâneo? Bom, a literatura é um arte e como tal tem a função de inventar e de reinventar a realidade, de sensibilizar e de promover o gozo da liberdade, a fruição estética, de proporcionar ao indivíduo leitor, desbravar, aventurar-se, sair de si e mergulhar num universo próprio e intocável construído com palavras, repleto de imagens e de emoções; único dos instrumentos capazes de levar o homem a um conhecimento maior de tudo, da própria vida e da natureza, algo que não se pode mensurar.

Nas “*Orientações curriculares para o Ensino Médio*”, assevera-se que o discurso literário transcorre diferentemente dos demais. Um discurso que vai além das elaborações linguísticas usuais”, que conduz o homem ao exercício da liberdade e que “pode levar a limites extremos as possibilidades da língua. Como bem afirma Osakabe, 2001), “nisso reside sua função no quadro do Ensino Médio: pensada (a literatura), dessa forma, pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício pleno da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo”.

Há que se levar em conta, que o Ensino Médio é o momento de transição para a educação superior. É ainda, momento em que se encerra a fase estudantil para os que não desejam ou não têm condições de cursar uma faculdade, mas que têm outros objetivos em mente. Por isso, as práticas de leitura, de escrita e de literatura nesse período, ganham dimensão de relevo, pois podem ajudar e muito no avanço maturacional do indivíduo-leitor, bem como, direta ou indiretamente podem influenciar em suas conquistas e avanços diante das oportunidades de crescimento que lhe são oferecidas nos estudos e no trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9394/96 significou verdadeiro avanço, nesse campo, pois ao contrário do que acontecia com a Lei nº 5.692/71 que obrigava o ensino médio a execução de especialidades profissionalizantes, voltando-se ao mercado de trabalho, a LDBEN, por sua vez, oportunizou a consolidação e o aprofundamento dos saberes adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; incentivou a preparação básica para o trabalho e para a cidadania do educando, para que ele pudesse continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou de aperfeiçoamento posteriores; consentiu o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, colocando o Ensino médio como preparatório para o ensino superior sem perder de vista o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, não importando se o educando continuará os estudos ou ingressará no mundo do trabalho.

É bem verdade, que para cumprir todas essas disposições, não se pode sobrecarregar o educando com uma série de informações sobre dados históricos, caracterização estilística, escolas literárias, como infelizmente vêm sendo as aulas de literatura. Conforme os PCN, para “além de memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências” (PCN+, 2002, p. 55). Formar leitores literários, fazendo-os tomar posse daquilo que lhes é de direito, letrando-se literariamente.

Adentra-se então, nas questões de letramento literário. O termo vem por empréstimo da Linguística, mas há muito vem sendo empregado na área da educação. Segundo Magda Soares, “o letramento corresponde ao estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas que cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2004, p. 47). Por letramento literário tem-se “o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o”.

Para Zilberman (2003, p. 258), a leitura de literatura tem se tornado bastante rarefeita no plano da escola, pois tem sido ora substituída por outras práticas, tais como cópias, resumos, ora por estar sendo diluída em meio a vários discursos e textos. Até aqui se pode perceber o quanto se faz urgente que se empreendam esforços para dotar os educandos da capacidade de se apropriar da literatura. E onde fica a questão da leitura nisso tudo?

Apesar das divergências concernentes à leitura no Ensino Médio, para Paiva (1998), a leitura é um dos componentes mais relevantes nas práticas de sala de aula. O conhecimento de teorias e conceitos ligados a essa habilidade é imprescindível para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do professor. O ensino de leitura, como aponta Paiva é um processo complexo que os professores precisam compreender para desenvolver atividades significativas e eficazes. O professor precisa ensinar estratégias de leitura que possam facilitar e estimular o desenvolvimento dessa habilidade.

Kleiman (1992) divide as estratégias de leitura em cognitivas e metacognitivas. As primeiras abarcam a repetição, a ampliação, agrupamento, anotação, dedução, substituição, elaboração, resumo, transferência, inferência. Enquanto as metacognitivas dizem respeito ao planejamento, atenção direcionada, atenção seletiva, autogerenciamento, automonitoração, identificação do problema e auto-avaliação. Kleiman afirma que o conhecimento das estratégias cognitivas é imprescindível, pois pode alertar os professores, de modo seguro, contra práticas pedagógicas que inibem o desenvolvimento de tais estratégias no processo de compreensão do texto. Quanto às metacognitivas, são fundamentais no desenvolvimento do aluno. O professor dever procurar ensinar estratégias metacognitivas de leitura como ponto fundamental no desenvolvimento do aluno, por envolverem questões de autonomia. Diante desse panorama, para Paiva (2005), os professores devem escolher textos que sejam significativos para os alunos, textos que reflitam as preferências, os anseios e expectativas dos discentes, mas acima de tudo, o professor deve ser um excelente leitor.

Um leitor ativo, que planeja, decide, coordena habilidades e estratégias, seleciona pistas significativas, formula ou confirma hipóteses e traz para o texto expectativas, informações, ideias e crenças. Assim, precisa servir de mediador e de facilitador, monitorando e explorando os processos de leitura dos alunos, conduzindo-os a uma leitura interativa dos textos de forma a permitir que o sentido do texto seja negociado, construído e compartilhado social e dialogicamente entre os participantes dessa atividade – aluno, autor e o próprio

professor. Nesse plano, o texto deixa de ser mero pretexto para a aprendizagem de aspectos linguísticos da língua alvo e passa a cumprir outras funções da leitura que é o de aquisição de informações, ou simplesmente leitura para deleite e prazer.

Almeida Filho (1993) afirma ser preciso que o professor se afaste do ato de ensinar com pouca consciência teórica e crítica no processo de ensino de leitura. Segundo ele, desenvolver-se é crescer na consciência de como se tem ensinado e de que tipo de ensino se produz.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, a Literatura deve estar integrada às aulas de leitura e a metodologia de ensino deve considerar o caráter sócio-interacionista da linguagem verbal, tendo o texto como objeto de trabalho, considerado nos diversos gêneros que circulam em nossa sociedade.

Os PCN de Ensino Fundamental estabelecem de forma mais detalhada os objetivos gerais e específicos para a área de leitura e relaciona também os conteúdos e os tipos de leitura a serem desenvolvidos em sala, facilitando o entendimento dos PCNEM. De acordo com os PCN, os textos literários considerados para o trabalho com a leitura são: o conto, a novela, o romance, a crônica, o poema e o texto dramático. As aulas de leitura teriam como objetivos específicos o desenvolvimento de habilidades de inferência, análise e síntese, percepção de informações implícitas e da relação entre os textos e os seus mecanismos de construção e organização. Os conteúdos a serem trabalhados seriam a ambigüidade, a ironia, as figuras de linguagem, a intertextualidade, os pressupostos e subentendidos, o contexto lingüístico e extralingüístico etc.

### **3 Algumas considerações**

Diante de todo exposto, fica claro que é urgente o fato de que o ensino de Literatura precisa ser repensado e libertado de associações ideológicas ou históricas que sirvam a uma determinada classe social que dita quais obras literárias devem ser modelos para a leitura; de que forma a escola deve trabalhá-las em sala; o que deve ser ensinado. E desvinculado de pedagogias que ofereçam receitas a serem seguidas, importadas de realidades estrangeiras.

A Literatura precisa ser encarada como fenômeno artístico, considerada em sua natureza educativa por excelência, porque traz valores, crenças, ideias, pontos de vista de seus autores, que podem enriquecer a vida daqueles que a leem. Não deve estar presa a modismos pedagógicos e sim ser considerada como uma atividade prazerosa de conhecimento do ser humano e das diversas funções da linguagem, dentre elas a função poética, pois retrata e recria as questões humanas universais, numa linguagem esteticamente trabalhada, transgressora da rotina cotidiana.

O professor deve, nos dias de hoje, procurar textos que possam efetivamente dialogar com a realidade em que o aluno vive e dela, muitas vezes, participa como elemento ativo. Buscar ainda oferecer a ele textos mais apropriados para a promoção de debates produtivos, oportunizar o contato dele com uma diversidade de gêneros e tipos textuais, de modo a construir nele uma identidade de leitor, um leitor cada vez mais plural, pluralidade que se constata na competência de ler do clássico ao popular, passear pelos vários estilos, aguçando e formando ainda mais sua capacidade interpretativa, inesgotável.

As novas tecnologias não podem ficar de fora, e são mais que convidadas no processo de formação de leitores críticos, pela capacidade de proporcionarem novas formas de criação artística e a instauração de universos literários, com vistas à formação e desenvolvimento de leitores literários aptos também para a vida em sociedade.

## Referências

- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes, 1993.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- KLEIMAN, Ângela B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 2004.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Estratégias individuais de aprendizagem de língua inglesa. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 73-88, jul./dez. 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnologia/MEC, 1999.
- MORTATTI, Maria do R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, V.M.(Org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. 2.ed.-São Paulo: Global, 2004. p 89-113.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.